

1 Doutor em Ciências da Informação, trabalhou como jornalista na imprensa, rádio e televisão por mais de 20 anos. Desde 2003, é o professor titular de Comunicação Audiovisual e Publicidade da Universidade da Coruña (UDC), na Espanha e atualmente ocupa o cargo de vice-decano da Faculdade de Ciências da Comunicação, Faculdade na qual, foi decano fundador entre 2003 e 2009. Além de sua carreira como jornalista e produtor audiovisual de documentários, publicou mais de 3.000 artigos de opinião e os documentários *Camiño do vento* e *A rentes do ceo* para a televisão. Também publicou, entre outras obras, os seguintes livros: *Marketing y Comercialización de Información Documental Electrónica* (2001); *Esto rompe: casos de productos en apuros y gestión de crisis* (2002); *La televisión digital, televisión del futuro* (2005); *Comunicación Preventiva* (2007). No âmbito digital, é o autor do blog *El mundo según Sanjuán* (<http://antonio-sanjuan.blogspot.com/>), um espaço pessoal dedicado à comunicação, marketing e internet; participou no projeto de televisão 2.0 <http://Teleclip.tv> e no blog *Cine y Motos* (<http://cinemotos.blogspot.com/>). É coordenador do projeto *Red Amiga UDC* que engloba estratégias de redes sociais da Universidade da Coruña, por meio de seu Conselho Social.

2 Doutoranda em Comunicação Audiovisual (Espanha); Mestre em Direito: especialidades em Estudos da União Europeia (Espanha); Especialista em Gestão da Comunicação (Brasil); Relações Públicas (Brasil). suladrubi@gmail.com; <http://es.linkedin.com/in/suladrubi>

3 Declaração de Praga (19 de Maio de 2001); Declaración de Berlín (19 de setembro de 2003); Declaración de Bergen (19 e 20 de maio de 2005); Declaração de Londres (17 e 18 de maio de 2007); Declaración de Leuven/Louvain-la-Neuve (28 e 29 de abril de 2009).

O Espaço Europeu de Educação Superior (EEES) é uma reforma no ensino superior, mediante o compromisso voluntário de cada país aderente, decidido em potencializar uma Europa do conhecimento, como ocorre nos países bem posicionados socioeconomicamente. O que marcou o início do referido Espaço foram: a Declaração de Sorbonne em 1998 e a Declaração de Bolonha em 1999, assinadas por ministros europeus de educação, esse fato determinou o início do processo de convergência para que realmente houvesse um Espaço Europeu de Educação Superior. Este ano, 2010, culmina com o prazo determinado na cidade italiana.

Além das declarações supracitadas, oriundas de Conferências naquelas cidades, foram realizadas diversas outras a esse respeito. A adesão é voluntária, a reforma preza pela convergência no que se refere a educação europeia. É positivo o sucesso desse Espaço e a aceitação dos países aderentes. Ainda que tenham ocorrido outras conferências³ posteriores a Bolonha, foi nessa cidade, que aumentou a participação de ministros europeus de educação de quatro para 29. Embora se intitule Espaço Europeu de Educação Superior, muitos preferem utilizar o termo Processo de Bolonha.

O documento oficial da União Europeia (*Press Release Rapid – IP/09/615*, Bruxelas, 22 de abril de 2009), esclarece que o Processo de Bolonha que em 1999 tinha integrado 29 países, atualmente contempla 46 países. “A atenção deverá agora centrar-se na modernização das políticas nacionais e na concretização da aplicação das reformas dos estabelecimentos de ensino superior da Europa”. Vale ressaltar que as principais reformas do processo de Bolonha estão calcadas basicamente em três pilares: a estrutura do ensino superior em três ciclos (graduação, mestrado e doutorado), a garantia de qualidade da educação superior e finalmente, o reconhecimento das habilitações e dos períodos de estudo.

Na Conferência ocorrida em Lovaina e Lovaina-a-Nova, nos dias 28 e 29 de abril de 2009, reuniram-se os 46 países⁴, já inseridos no EEES, junto a outros 20 países⁵ convidados não europeus. A Comissão Europeia⁶ reconhece que “o alcance e a credibilidade internacionais do EEES podem ser ainda promovidos através da cooperação com outras regiões do mundo no domínio da garantia da qualidade. Este aspecto foi destacado na declaração do primeiro Fórum Político de Bolonha, realizado em Lovaina-a-Nova, que mencionava especificamente a garantia da qualidade como área de cooperação concreta entre os 46 países signatários do processo de Bolonha e outros países de todo o mundo”.

É grande o interesse pelo processo de Bolonha, em países não europeus, há uma vasta quantidade de informativos e páginas *web* a esse respeito, sobretudo em inglês. Convém esclarecer que também houve protestos quanto ao EEES por parte de estudantes e professores. Os objetivos são claros e não pára por aí, o desafio é grande e a necessidade de investigar e mover-se pela Europa nesse novo espaço é gratificante e bastante válido, sobretudo para ampliar conhecimentos, conhecer pessoas de diversas partes do globo, mergulhar em novas culturas, enfim, sentir-se cidadão do mundo.

O mundo globalizado está vivendo constantes renovações, em função da velocidade que caminha as tecnologias da informação e comunicação (TIC). A inovação que existe nessas áreas, facilita o aprendizado, as relações pessoais e a vivência na comunidade do saber. A velocidade que chega o conhecimento aos usuários, por meio da internet, seja na universidade, seja em organizações públicas, privadas ou a particulares, é um fato importante nesse campo. Sem dúvida compete com as formas tradicionais de divulgação e participação do conhecimento, como bibliotecas, cinemas e teatros.

A Universidade da Coruña, dispõe de suportes virtuais a serviço dos estudantes, de modo que seus professores possam, por exemplo, inserir na “secretaria virtual”, apostilas, exercícios, entre outros, com os quais, o alunado acesse mediante uma senha pessoal, facilitando desse modo o uso, visto que, de outra forma, os docentes teriam que enviar um correio eletrônico aos alunos, ainda que fosse com um só *click*. Além disso, o discente pode levar seu computador portátil e acessar a rede, com a referida senha, dessa vez por *wifi*. Quem preferir, pode utilizar as diversas aulas net, nas diversas faculdades, em todos os campi, desde que seja aluno da UDC.

É importante a experiência do professor, como educador, com o objetivo de incentivar o ensino para uma melhor aprendizagem. Propor ferramentas digitais para os alunos, aumenta a motivação nos estudos e uma melhor relação aluno-professor-aluno. A internet vem contribuindo, significativamente, nesse contexto, desempenhando um papel decisivo no fortalecimento do saber, por sua diversidade de conteúdo, ferramentas e versatilidade.

A universidade desempenha um papel fundamental na sociedade do conhecimento. Tratar desse tema, sem abordar a importância das TIC's é impossível. Essa entrevista com o Prof. Dr. Antonio Sanjuán Pérez, profissional de renome da Faculdade de Ciências da Comunicação da UDC, conta a realidade do EEES.

Sanjuán explica a evolução do sistema educativo da Europa, sobretudo, ressaltando sua destacada experiência como vice-decano e docente. Além disso, demonstra sua vivência com as TIC's, bem como, a evolução desse tema em suas classes e no uso cotidiano, sob o olhar de quem vive e atua nesse novo sistema.

4 Os 46 países que fazem parte do EEES são: Albânia, Alemanha, Andorra, antiga República jugoslava da Macedônia, Armênia, Áustria, Azerbaijão, Bélgica, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Federação da Rússia, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Hungria, Irlanda, Islândia, Itália, Letônia, Listens-taine, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Moldávia, Montenegro, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Roménia, Santa Sé, Sérvia, Suécia, Suíça, Turquia e Ucrânia.

5 Os 20 países convidados para a Conferência em Bruxelas foram: Brasil, México, Marrocos, Tunísia, Egípto, Etiópia, Senegal, Tanzânia, África do Sul, Israel, Jordânia, Cazaquistão, Quirguizistão, Índia, China, Japão, Vietname, Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos da América e Canadá.

6 Comunicação Oficial da Comissão das Comunidades Europeias (Bruxelas, 21.9.2009 - com(2009) 487 final), intitulada Relatório da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões, informa sobre o Progresso da Garantia da Qualidade no Ensino Superior.

SULA: Em maio de 1998, os Ministros da Educação da França, Itália, Alemanha e Reino Unido assinaram em Sorbonne, uma declaração para desenvolver um “Espaço Europeu de Educação Superior”. Em outra conferência, ocorrida em junho de 1999, em Bolonha, com a participação de 30 países europeus, foram estabelecidas as bases do EEES, firmando um prazo até 2010 para a realização do referido Espaço. Agora que estamos em 2010, podemos dizer que estão sendo cumprindo os objetivos propostos? O que mudou no sistema europeu de ensino superior, antes da existência do EEES. Quais são as vantagens e desvantagens para a comunidade acadêmica?

SANJUÁN: Os prazos estão sendo razoavelmente cumpridos, inclusive com a crise econômica. No caso da Espanha, já se está concedendo novas titulações, praticamente em todas as universidades. A principal novidade é o desaparecimento dos antigos títulos de licenciado e diplomado, para sua conversão em um único diploma de graduação reconhecido em todos os países europeus que firmaram o convênio, uma graduação com quatro anos de duração, no lugar dos cinco, quatro ou três anos que tinham nas antigas carreiras, a consolidação oficial dos mestrados, que pode ter um ou dois anos, e o desaparecimento do Diploma de Estudos Avançados como pré-requisito para a elaboração da tese de doutorado. Contudo, isso implica também uma nova forma de ensinar e de aprender. O ensino é

mais personalizado, com menos classes magistrais, mais práticas e grupos menores. O aprendizado se desenvolve de um modo mais progressivo, com uma formação básica comum, estruturada em cinco ramos do conhecimento: Artes e Humanidades; Ciências Sociais e Jurídicas; Ciência; Ciências da Saúde; Engenharia e Arquitetura, apresentando maior mobilidade entre as titulações e a obtenção do ECTS (European Credit Transfer, que é o Sistema de Transferência de Créditos Europeus) por horas de trabalho pessoal, em vez de horas / aula. Assim, um aluno da Graduação deverá ter obtido 240 créditos e um aluno do Mestrado 60 créditos, para ter, pelo menos 300 créditos, que significa uma média entre seis e nove mil horas de trabalho, dos quais quase a metade deveriam ser práticas. São muitas as vantagens. A primeira delas, é a aprovação dos títulos ou diplomas dentro do Espaço Europeu de Educação Superior. A segunda é a mobilidade dos estudantes e professores, além de uma maior transversalidade de conhecimentos. O terceiro, é a adequação mais realista da carga de trabalho: terminaram em teoria essas carreiras de cinco anos que requeriam do aluno, oito ou até mesmo dez anos de esforço. Uma quarta vantagem é a maior carga prática. Mas aí também existem os inconvenientes. A prática exige mais recursos, espaços menores, salas de aula flexíveis, mais laboratórios, mais logística, mais gastos com pessoal. E as inversões na universidade pública diminuiriam. Por exemplo, se mudarmos o sistema de avaliação de uma prova tipo teste para um tra-

balho prático e a entrega de uma monografia, o tempo de tutoria e correções se multiplica. Se as notas se baseiam mais em critérios qualitativos que quantitativos, o conjunto de normas estabelecido para medir, avaliar e obter a nota é mais complexo. Certamente afetará a médio prazo, a contratação de mais professores ou a redução da oferta de titulações, o contrário acabaria por mitigar a qualidade do sistema. Uma ferramenta para solucionar esses problemas é o ambiente virtual de formação, plataformas multimídia, a comunicação professor-estudante através de todos os canais que permita a tecnologia. Embora essas soluções também absorvam recursos, treinamento, mudança de mentalidade, desgaste na renovação constante de conteúdos. De todas as formas, é um dos poucos aliados que o sistema tem para tentar afrontar o desafio neste novo cenário.

SULA: Atualmente, o novo Espaço Europeu de Educação Superior, conta com a participação de 46 países. Nesse contexto, em uma comunicação oficial da Comissão Europeia, intitulada O Papel das Universidades na Europa do Conhecimento [COM (2003) 58 final, Bruxelas, 05.02.2003], reforça a importância de uma sociedade do conhecimento mediante tecnologias da informação e da comunicação (TIC's). O que mudou e o que melhorou no EEES? O que os alunos ganham com isso?

SANJUÁN: O uso das TIC's é transversal em todos os ramos do conhecimento. Elas são o equiva-

lente ao papel e ao lápis de toda vida. Agora é relativamente frequente realizar um exercício ou uma prova com acesso à internet e, portanto, com todas as suas fontes de consulta, não somente as referenciais, tipo enciclopédias, textos acadêmicos mais ou menos rigorosos ou fontes colaborativas tipo Wikipédia, mas sim incluindo o contato pessoal através do uso de redes sociais, fóruns ou chats. Isto era impensável há apenas alguns anos atrás. Tem gente que pensa que se perdem as capacidades de memória ao incluirmos as técnicas, e há sua parte de razão, contudo podem ser substituídas por novas habilidades, como localização de informações confiáveis em tempo real, a contratação de fontes de experimento, pesquisas, o tratamento de grandes massas de informação. Um profissional do século XXI deve ser competente no manejo destas habilidades como nunca antes na história da humanidade, porque a tecnologia está à sua disposição, assim como na do seu hipotético concorrente, colaborador ou cliente (para falar em termos de mercado ou do exercício da profissão), com alcance imediato, digamos, com um volume enorme de informações. Selecionar o apropriado, com um critério adequado tornou-se um valor primordial. Caminhamos inevitavelmente para uma situação em que todos os alunos tenham seu computador ou qualquer outro dispositivo portátil, em que possa realizar a maior parte de sua atividade acadêmica. As salas de aula com computadores fixos já estão se tornando obsoletas. Na realidade, as aulas começam também a

serem portáteis, móveis e flexíveis. De fato, creio que a nova sala de aula é a Rede. Com isso, os alunos também ganham em flexibilidade, ainda que devam ser superadas algumas tentações, como a falta de respeito pela propriedade intelectual, o copiar e colar que tão facilmente resulta numa prática inadequada, que gera muitos problemas, inclusive legais, sobretudo científicos. É importante aprender a discernir em um ambiente digital, aparentemente bastante igualitário. Antes, um livro parecia uma fonte séria, pelo simples fato de ser um livro. Hoje na rede, é preciso desenvolver esse critério no âmbito eletrônico.

SULA: Quando se fala sobre produção do conhecimento, é imprescindível falar sobre investigação científica. Nesse campo, quais seriam as principais referências, mediante o uso das tecnologias da informação e da comunicação? Existe algum projeto desenvolvido pela Universidade da Coruña, nesse sentido?

SANJUÁN: No âmbito da investigação deve-se distinguir pelo menos dois níveis muito distintos: o da comunicação de resultados e o da divulgação. A primeira é uma comunicação dentro da comunidade acadêmica e, certamente, requer uma transformação do sistema mundial, que em realidade já começou. As TIC's deixaram obsoleto o sistema complexo de revistas de referência, nas mãos de poderosos grupos anglosaxões, que certamente são muito mais especializados em determinadas áreas do que em

outras, inclusive quanto ao modelo de congressos. Hoje, os grupos de investigação podem trabalhar juntos em tempo real, compartilhando na rede seus avanços, o que implica também um risco em determinados campos com vazamento de informações, ou mais do que vazamento, roubo. Na Europa, os editais públicos referentes a projetos científicos devem adaptar-se a esta nova realidade, coisa que não é simples, até pelas questões administrativas, no entanto, é inevitável. Outra questão é a divulgação, que por sua vez está dividida em duas, incluso em três vertentes: os estudantes, sociedade em geral e o tecido empresarial em concreto. Citadas antes as ferramentas de teleinformação, agora estamos abrindo este ambiente para outros dois públicos: a sociedade e a empresa. Com esta ideia surgiu o projeto *Rede Amiga da UDC*, uma comunidade onde os atuais, futuros e antigos alunos, se reúnem mediante redes sociais, como qualquer “amigo” da Universidade da Coruña, especialmente as empresas que são parceiras e que colaboram através de bolsas, assistências técnicas, projetos de pesquisa, consultoria e até mesmo programas personalizados de treinamento. Existem inúmeras iniciativas pelo mundo que estão funcionando. Por um lado, servem de vínculo emocional, por outro, representam um canal de informação imediato, com uma audiência perfeitamente segmentada por seus interesses e, definitivamente, abrem a universidade à sociedade. Essencialmente, utilizam redes “de conversação” tipo Facebook ou Twitter, com outras mais especializadas como

o LinkedIn e outros blogs de referência. A audiência está garantida, outra coisa é que sejamos capazes de produzir os conteúdos, para dinamizar a atividade e gerenciar a comunidade no dia a dia, sem perder de vista a missão estratégica da iniciativa e da Universidade: essa divulgação do conhecimento, sua profundidade e sua aplicabilidade no seu ambiente social, com uma perspectiva responsável e de desenvolvimento sustentável.

SULA: A universidade prepara cada vez mais investigadores com sede de conhecimento e ao mesmo tempo com inquietudes que necessitam ser desvendadas. O EEES fomenta o intercâmbio de alunos e docentes, também com o propósito de intercambiar culturas e aprendizagens. A UDC está preparada para recebê-los? Existem meios físicos e professores preparados para este *boom*? Me refiro a Faculdade de Comunicação.

SANJUÁN: A Faculdade de Ciências da Comunicação da UDC é ainda uma criança que não cumpriu a idade de sete anos. E a UDC é apenas uma juvenzinha de 20 anos. Estamos, portanto, começando. Acontece que as crianças e os jovens são mais adaptáveis a novos ambientes e ainda mais se esses ambientes estão mudando de maneira indefinida. Quase metade do quadro docente de minha Faculdade tem uma origem profissional, como eu também tenho. Somos acadêmicos tardios, com todas as vantagens e desvantagens que isso implica. A outra metade está começando suas carreiras, com

uma idade média em torno dos 35 anos. Se compararmos a outras universidades com mais de 500 anos de história, inclusive com outras faculdades de comunicação espanholas, que começaram a engatinhar no início dos anos 70 do século XX, a situação é diferente. Somos menores e mais flexíveis, somos menos experientes, porém, com mais inquietudes, estamos aprendendo tanto ou mais que quando ensinamos, nesse sentido, tudo torna-se um grande desafio pessoal. Os recursos sempre faltam, a situação econômica, como já mencionei, não é a mais adequada, mas a disposição para mover-se é excessivamente grande, o desejo de realizar, de experimentar, de encontrar novos caminhos é o que leva as organizações humanas a avançar. Preparados? Sempre.

SULA: No que diz respeito à internacionalização da educação superior, levando em consideração a mobilidade dos estudantes, professores e investigadores; as novas tecnologias de informação e comunicação contribuem de forma significativa para este processo de internacionalização, no entanto, a Europa atrai menos estudantes e investigadores, em relação aos Estados Unidos e ao Japão (essa informação é da Comissão Europeia, documento já citado). A que se deve esse fato e o que poderia ser melhorado no sentido de fomentar uma mobilidade eficaz e eficiente no meio acadêmico?

SANJUÁN: A investigação europeia está muito mais burocráti-

ca, o setor privado só aposta por ela em questões bem pontuais e a velha Europa está perdendo poder social e até demográfico. Um bom exemplo é a Espanha, embora seja um exemplo distorcido. O desenvolvimento econômico transformou em poucas décadas, um país de emigrantes em um país de imigrantes; contudo os melhores cérebros, paradoxalmente, encontravam mais oportunidades também nos EUA, Reino Unido ou Alemanha, por haver sido um desenvolvimento econômico baseado em qualquer coisa, menos conhecimento: especulação urbana, turismo e dinheiro muito barato. As universidades aproveitaram a oportunidade para modernizar edifícios, mas não tanto no seu funcionamento interno. De fato, o processo de Bolonha, deveria haver sido realizado há quinze ou vinte anos atrás. Trabalha-se nisso, ainda que seja necessário fazer muito para recuperar a iniciativa da mobilidade, sobretudo no campo cultural, nos incentivos, na perspectiva de que o multiculturalismo proporcione benefícios.

SULA: No seu blog *El Mundo según Sanjuán*, você publicou um artigo intitulado “El gobierno de las Universidades”, onde defende que “a universidade pública está mal governada por vários motivos. Bastaria, por exemplo, permitir que os professores se empenhassem muito mais em suas obrigações profissionais, que tivessem mais responsabilidades por sua “unidade” acadêmica, que os professores catedráticos respondessem individualmente

pelo sucesso ou fracasso de sua docência, de sua investigação, medidas por qualidade e quantidade, por resultados econômicos e científicos. Em outros países, isso acontece”. Nesse contexto, como garantir que a universidade tenha autonomia e ética em sua gestão, além de recursos financeiros dignos e sustentáveis? O que falta para motivar aos professores e incentivá-los a desenvolver seus trabalhos em condições necessárias e importantes para fomentar o ensino superior? Que país ou que países estão bem e o que se poderia aprender com eles?

SANJUÁN: Isto sim é um problema específico da universidade espanhola, por seu caráter público, de seu “excesso” de democracia, de sua politização. Vivemos em uma situação, onde se pede uma conexão com o mundo empresarial, e ao mesmo tempo, se aplica toda a burocracia da administração. Foram criadas estruturas corporativas que diluem a responsabilidade sobre os resultados. Por exemplo, as faculdades têm pouquíssima autonomia na sua gestão econômica, não podem, para citar um exemplo, firmar um convênio para desenvolver um projeto, isso tem que ser passar pelo Reitor. Tampouco pode fazê-lo um departamento ou um instituto universitário, muito menos um professor. Uma universidade é uma organização que dispõe de uma equipe humana, teoricamente de alta qualidade, mas também, em teoria, não pode ser incentivada economicamente porque são funcionários públicos, pelo menos, uma boa parte. A contratação de professo-

res exige critérios absolutamente separados do resto da sociedade, pertencer a uma comissão de normalização linguística, por exemplo, pontua praticamente o mesmo que uma patente internacional. Estamos em processo de mudança, se está sendo elaborado um novo estatuto dos professores, o governo espanhol está tratando de alcançar um pacto global pela educação que modifique alguns desses aspectos. Eu não me importaria, por exemplo, se a universidade espanhola fosse mais parecida com a alemã, embora também tenha seus problemas.

SULA: A universidade, como parte da sociedade do conhecimento, deve responder às necessidades de ensino e investigação, mediante grupos de pesquisa, eventos científicos, redes de e-comunicação, como grupos de trabalho por internet, criação de blogs, uso interativo de meios eletrônicos etc. Você acredita que a Universidade da Coruña está cumprindo o seu papel? E na Espanha?

SANJUÁN: Houve um grande avanço nesse caminho, embora se possa fazer muito mais. Na realidade dentro da própria universidade está se produzindo o mesmo fenômeno que no resto da sociedade: a chamada “inclusão digital”, um abismo que se abriu entre aqueles que usam a fundo as novas tecnologias e aqueles que apenas tiram proveito. Em direção às Universidades ainda está uma geração pré-tecnológica, que não obstante, acredita que o problema está nos suportes, nas máquinas, nas redes de telecomunicações. Em

parte eles têm razão. No entanto, o verdadeiro problema está nos conteúdos e na mentalidade das pessoas. Por exemplo, muitas universidades produziram plataformas de televisão ou audiovisual, sem levar em consideração que depois, necessitaria criar esses conteúdos com uma mínima qualidade para ser suportáveis. Alguns reitores crêem que basta simplesmente colocar uma câmera em um tripé e gravar ou transmitir em *streaming* a típica aula magistral. Sem iluminação nem áudio adequados, sem material de apoio, sem edição, e até mesmo sem movimento, de modo que o professor desaparece do monitor enquanto se traslada um pouco escrevendo no quadro, que diga-se de passagem, tampouco se vê. Uma das revoluções do meio digital implica em que muitos professores deveriam deixar de dar aulas no sentido tradicional e tornarem-se criadores de conteúdos para seus alunos, dinamizando sua participação, atraindo sua atenção. Para que possamos entender, há alguns anos, um professor falava e o aluno anotava, depois o professor entregava as apostilas e mostrava uns *slides*. Depois, entregava apostila e *slides* no formato PowerPoint, por exemplo, agora já se exige algo mais: materiais interativos, vídeos, animações. As universidades não podem querer que este trabalho extra seja feito voluntariamente pelos professores. Cada vez há mais professores e investigadores que tiram proveito das novas mídias, entretanto com um sobre-esforço que não durará eternamente. E os mais relutantes a utilizá-los, cada vez vêm mais dificuldade

para alcançar suficiente domínio. Dessa forma, houve um avanço, mas não do modo correto. Ainda há muito por fazer.

SULA: A internet dispõe de uma imensa quantidade de informação, seu constante crescimento, implica uma necessidade de estudá-la dentro das ferramentas de comunicação, em sintonia com outras áreas do conhecimento. Atualmente, há uma imensa quantidade de redes sociais, blogs, microblogs e várias tecnologias da comunicação e informação, frutos da Web 2.0. O que você opina sobre esse termo usado para fazer referência à segunda geração de comunidades e serviços? O que há de novo, ou seja, que não tínhamos antes de 2004? Alguns já defendem que existe a Web 3.0. Estamos longe disso ou é uma realidade?

SANJUÁN: Internet é, por definição, uma rede de computadores, compartilhando informações. No princípio, as elites que tinham acesso, eram participantes ativas nesse intercâmbio. Durante um momento relativamente curto, no início da popularização da rede, digamos entre 1995 e 2004, se incorporaram usuários passivos, receptores de informação, não emissores, embora sempre houvesse fóruns, correios eletrônicos, chats etc. Mas, para subir conteúdos na rede, exigia um esforço que a partir de 2004, foi reduzido notavelmente. Já não é necessário trabalhar em nosso computador e logo subir os arquivos em um servidor com um protocolo complicado, agora

trabalhamos diretamente na web ou subimos a essa web, dando um simples *click* em uma janela. E então, se recupera o espírito inicial: os internautas interagem massivamente. Os diferentes níveis culturais, as estratégias de comunicação viral, a conversação ou *buzz*, a constante atualização tem produzido fenômenos espetaculares, fenômenos mais sociais que técnicos, mas já estavam implícitos na essência da rede. Web 3.0? Bom, se aceitamos a 2.0 por que não? Ainda que eu duvide muito que vá pelos sendeiros que indicam alguns gurus, desde quatro anos atrás. A evolução já está definida por outros caminhos, como os novos suportes portáteis, os múltiplos monitores, não pela web semântica, nem pela “inteligência” da rede. A inteligência tem que estar nas pessoas e de todas as formas, esse é o “X” da questão: poderíamos ir a uma Web 3.0 mais inteligente e, portanto, mais controlada, com menos liberdade, com mais segurança e com mais concentração de poder, apenas a inteligência das pessoas pode evitá-la.

SULA: Nesse sentido, qual é a contribuição da Universidade da Coruña a seus alunos e investigadores? Existem grupos de investigação, revistas científicas ou outras ações reais ou virtuais para fomentar a educação superior? Como funciona?

SANJUÁN: A UDC está trabalhando em vários níveis: o institucional, desde a Reitoria e o Conselho Social; o acadêmico, essencialmente nas mãos dos professores e de sua iniciativa pes-

soal; o investigador, com grupos tecnológicos de vanguarda, tanto em *hardware* como em *software*, grupos de experimentação social e as ações de edição científica. A Reitoria facilitou soluções tão concretas como a comunicação de qualificações acadêmicas, mediante telefone celular, até tão genéricas como a plataforma de teleinformação ou o canal de televisão. O ambiente web está em plena fase de transformação em direção a uma abordagem dinâmica, muito mais 2.0, para entendermos. O Conselho Social e a Fundação Universidade de Coruña estão trabalhando duro nas redes sociais para estreitar as relações entre o mundo empresarial e a sociedade em geral com a Universidade, sempre de acordo com uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e de responsabilidade social. Seu presidente, Antonio Abril, é o secretário-geral de uma das multinacionais da moda mais importantes do mundo, a Inditex, com marcas tão conhecidas como Zara, sabe portanto, da importância de uma visão global, realista e de sucesso, aberta à realidade da competitividade. Nos grupos de investigação, tanto tecnológicos como sociais, foram desenvolvidos modelos bastante interessantes de televisão interativa e colaborativa, mundos virtuais com visualização 3D; e no âmbito da edição e divulgação estão cada vez mais sendo usadas as ferr-

mentas *on-line*. Simplesmente o acesso ao acervo documentário das bibliotecas da universidade, já representa um avanço fantástico nos últimos cinco ou dez anos.

SULA: Aos alunos que estão começando a pesquisar na área da comunicação, especialmente os que estão fora da Espanha e desejam ampliar seus conhecimentos, que conselhos você poderia lhes dar?

SANJUÁN: Eu recordaria a velha máxima do mundo empresarial que diz: pensar globalmente, agir localmente. É um momento de mudanças constantes no mundo do jornalismo, da publicidade, das relações públicas, da mídia impressa, da televisão, do cinema etc. As melhores oportunidades surgem nos momentos de crise, o futuro (que já é o presente) é digital, 3D e em rede. O mundo torna-se cada vez menor, devemos derrubar as últimas fronteiras que fazem ilhas de conhecimento, as comunidades de idiomas, devemos ser mais transversais. O mundo não acaba no Brasil, nem na Espanha, nem na América Latina, nem na Europa. Estamos a um *click* de distância. E estamos apenas começando a tirar proveito disso. Só é uma questão de fazer nossa rede pessoal, mais e mais extensa, mais eficiente. Um desafio apaixonante.

Data da entrevista: 10/03/2010